



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A fotografia como rastro da subjetivação do trabalho e seus efeitos na produção de saúde
Autor	LAURA ROMANOWSKI WAINER
Orientador	JAQUELINE TITTONI

A fotografia como rastro da subjetivação do trabalho e seus efeitos na produção de saúde
Laura Romanowski Wainer, Jaqueline Tittoni
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é parte de um projeto mais amplo, “O trabalho com arte: reinventando modos de viver e trabalhar”, que busca constituir estratégias de expressão e compartilhamento de práticas invisibilizadas no âmbito do trabalho, principalmente por meio de oficinas de produção de imagens e de narrativas. A metodologia que fundamenta o estudo é a pesquisa-intervenção, e, principalmente, a intervenção fotográfica. O que se coloca em discussão a partir da pesquisa-intervenção aqui proposta é a possibilidade de fazer contraponto às funções de ilustração ou comprovação a que se presta a imagem na ciência, bem como a de explorar a potência de criação e invenção que porta uma imagem - que se revela justamente através do seu processo de produção. A arte na pesquisa-intervenção é, pois, crítica à racionalidade científica, visto que lança luz ao processo, ao que de representativo há na produção de imagens, mais do que à imagem propriamente dita.

Pensar a produção de imagens como ato fotográfico (Dubois) permite fazer uma leitura da fotografia como apenas um dos produtos desse processo. Nesse sentido, o entendimento da fotografia como rastro (Sontag), atravessada pela ética do cuidado de si (Foucault) e mesmo pela ética da resistência (Orellana), orienta os rumos dessa intervenção com imagens, para que nos perguntemos sobre o próprios modos de viver, sobre desejos e ocupações, na medida em que se resiste ao regime de relações entre saber, poder e subjetividade.

Busca-se, por meio de encontros semanais entre os grupos, usar o desejo compartilhado de fazer registros de experiências como motor para articular a percepção do território e das trajetórias de cada um com os discursos de verdade e regimes de visibilidade. Pensar a forma com que se ordenam o que é visto e o que não se vê (ou que não se mostra) através do dispositivo em questão (foto) permite que pensemos também os processos dos modos de trabalhar, artesanais. É através da experiência (de trabalhar, de viver, de fotografar) que se constroem possibilidades de transformação do sujeito. A fotografia pode ser, então, acontecimento.

Dessa forma, pela intervenção fotográfica que se pode tornar possível criar dispositivos de análise social coletiva em contextos institucionais, por exemplo, em que se fixam as relações de poder.. Provocar esses modos institucionalizados de trabalhar (e de viver) faz emergir o desafio de colocar os afetos em movimento, em busca de transformação, e torna possível realocar esses jogos de poder.

Esta etapa específica do projeto está relacionada a uma ação construída coletivamente com a “Confraria da Foto”, grupo de usuários de Saúde Mental e Saúde do Trabalhador que se reúne para pensar e captar imagens da cidade, buscando integrar-se através deste trabalho e da Economia Solidária. A Confraria faz parte das ações em saúde, trabalho, educação e cultura promovidas pelo Geração POA, serviço da Rede de Atenção Psicossocial da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.